



## ENTREVISTA

### **JOSÉ DE MOURA LEITE NETO – REFLEXÃO SOBRE O JORNALISMO DE CIÊNCIA E O PAPEL DA REDE BRASILEIRA DE JORNALISTAS E COMUNICADORES DE CIÊNCIA**

**Carla de Oliveira Tôzo<sup>1</sup>**

**RESUMO:** José de Moura Leite Neto é jornalista, doutor em Oncologia pela A.C. Camargo Cancer Center e um dos fundadores e atual presidente da Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência. Em entrevista realizada no dia 12 de novembro de 2021, ele falou sobre o papel da RedeComCiência e refletiu sobre o conceito de jornalismo científico, a formação do jornalista especializado em ciências e a produção desse tipo de jornalismo pelas universidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Jornalismo Científico. Ciência. Jornalismo. Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência. Universidade.*

**ABSTRACT:** José de Moura Leite Neto is a journalist, PhD in Oncology at the A.C. Camargo Cancer Center and one of the founders and current president of the Brazilian Network of Journalists and Science Communicators. In an interview carried out on November 12, 2021, he spoke about the role of RedeComCiência and reflected on the concept of scientific journalism, the training of journalists specializing in science and the production of this type of journalism by universities.

**KEYWORDS:** *Scientific Journalism. Science. Journalism. Brazilian Network of Journalists and Science Communicators. University.*

---

<sup>1</sup> Professora no Centro Universitário FMU|FIAMFAAM. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: carla.tozo@usp.br

---

## **Revista ALTERJOR**

**Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP)**

**Ano 12 – Volume 01 – Edição 25 – Janeiro-Junho de 2022**

**Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, Cidade Universitária, São Paulo, CEP: 05508-020**

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a ciência brasileira tem sofrido com ataques em diversas frentes, seja no corte abrupto nos investimentos públicos para pesquisa, seja em campanhas de comunicação para desqualificá-la perante a opinião pública. Conseqüentemente, isso tem impactado a produção jornalística especializada em ciências e as ações construídas, até então, visando a divulgação da importância da ciência para o grande público. Esses ataques têm “alimentado” a propagação de desinformações científicas (defesa no uso de medicamentos não comprovados, negação da doença e da eficácia das vacinas, desconhecimento sobre uso das máscaras etc) que ganhou força nos últimos dois anos (2020-2021) com a pandemia da Covid-19, mas que já era alvo de atenção e preocupação da comunidade científica. Controvérsias ligadas à negação do aquecimento global e aos supostos malefícios da vacinação, o “terraplanismo” e outros movimentos negacionistas têm preenchido as narrativas presentes, sobretudo nas mídias sociais.

Desse modo, tem se percebido uma mobilização por parte da comunidade científica quanto ao problema da desinformação, por exemplo, divulgando melhor suas pesquisas e se comunicando – direta ou indiretamente – mais com a sociedade. Muitos cientistas, pesquisadores e divulgadores científicos perceberam a importância de se comunicar e, inclusive, tornando-se figuras públicas nas redes sociais digitais para refutar informações falsas ou distorcidas em relação à pandemia.

É nesse sentido que há o reforço da defesa da divulgação científica e, em especial, do jornalismo científico no sentido de reforçar o importante papel que cumprem na democratização do acesso ao conhecimento científico, estabelecendo condições para que a população amplie seu repertório e, conseqüentemente, possa participar de debates ou tomadas de decisões.

Por isso iniciativas como a Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência que reúne profissionais (jornalistas, assessores, cientistas, estudantes e influenciadores) interessados em melhorar a qualidade do jornalismo e da comunicação

de ciência no país são tão importantes. A Rede oferece apoio e consultoria a projetos e iniciativas nas áreas de ciência, pesquisa, jornalismo e comunicação.

A seguir, o presidente da RedeComCiência, José de Moura Leite Neto, em entrevista realizada no dia 12 de novembro como parte da minha pesquisa de doutorado, fala sobre Ciência, formação do jornalista e prática do Jornalismo Científico.

*Carla de Oliveira Tôzo:* Como nasceu a Rede Brasileira de Comunicadores de Ciências? Conte um pouco sobre esse processo.

*José de Moura Leite:* A RedeComCiência - Rede Brasileira de Jornalistas e Comunicadores de Ciência - teve a sua primeira gestão com o jornalista André Biernath, de 2019 a 2021, sendo que a Rede de fato foi criada em 2018. A segunda gestão começou em fevereiro deste ano e agora eu sou o presidente e a vice é a jornalista Meghie Rodrigues. Existiram outras iniciativas no Brasil, outros trabalhos muito importantes, mas a rede nasceu justamente desse hiato de não ter algo que juntasse os jornalistas de ciências do Brasil, como há em outros lugares, como Argentina e México. A partir das primeiras conversas, vimos que havia a mesma inquietude nos nossos corações: falar sobre o fazer jornalismo de Ciência.

152

*Carla Tôzo:* Quais foram as realizações nesses anos?

*Moura Leite:* A Rede cresceu e realmente foram muitas realizações para tão pouco tempo de existência e muito disso pelo momento que estamos vivendo. Antes de completarmos um ano já tínhamos uma pandemia e isso acabou fazendo com que houvesse muito engajamento das pessoas que se associaram, que se tornaram membros, e os projetos começaram a nascer. Nós realizamos workshops, oficinas, tanto para cientistas quanto para jornalistas falando de Jornalismo Científico e Divulgação Científica em diferentes universidades e em diferentes estados, em hospitais e outros lugares. Tivemos muitas ações ligadas à saúde, mas também ao meio ambiente, astronomia, além de parcerias com as redes de jornalismo do México e de Portugal. Acho que duas coisas que se destacam também nesse período são: (1) os vídeos de jornalismo científico, de cinco minutos, que nós fazemos no nosso canal no YouTube falando sobre diferentes temas, (2) o programa de mentoria que nós tivemos. Fizemos um convite a 10 profissionais já experientes de jornalismo de Ciência do Brasil para

serem mentores de alunos do terceiro e quarto ano de jornalismo. Aí cada dupla produziu uma reportagem de fôlego que foi publicada também no nosso site. Além de outras iniciativas como boletins no comecinho da pandemia quando as coisas estavam ainda muito turbulentas. A gente produziu conteúdo para ser disseminado pelas mídias sociais para contrapor às *fake news* que já estavam surgindo.

*Carla Tôzo:* Como definir Jornalismo Científico?

*Moura Leite:* O Jornalismo Científico, o jornalismo de Ciência tem um papel de ser uma ponte, ser um intermediário da sociedade diante dos cientistas, dos achados científicos para que a população tenha mais informação sobre aquilo que é avanço, o que é a produção científica, o que os cientistas produzem. Então quando se fala de Jornalismo Científico parte-se do pressuposto de que está se referindo aos jornalistas que são especializados em ciências. No entanto, quando você considera o cenário de pandemia como esse que a gente ainda está vivendo, em que as editorias como um todo tiveram que se inteirar de alguma forma sobre temas relacionados às ciências, outros profissionais que não são especializados também fizeram a cobertura desse assunto.

*Carla Tôzo:* Quais características o profissional que cobre Ciências precisa ter?

153

---

*Moura Leite:* A Ciência é um tema muito amplo. Tem as ciências da saúde, as ciências biológicas, ciência voltada à astronomia, ciência voltada ao meio ambiente. Então compreender essas questões complexas demanda muito interesse desses profissionais em procurar saber, entender melhor esses temas para que eles possam melhor traduzir conteúdo e levar ao público. É importante que busque mais conhecimento, mais condições de fazer a lição de casa sobre o tema que vão abordar, conhecer o histórico do cientista, não ter sempre os mesmos porta-vozes porque a ciência é muito ampla e muito segmentada. Então você não pode se viciar em algumas fontes porque não vai ouvir sempre o melhor especialista para aquele tema. Há muitas inovações e estudos acontecendo, portanto, para fazer jornalismo de Ciência hoje você precisa estar atualizado, mas ao mesmo tempo, separar o joio do trigo porque é tanta produção científica que se não tiver esse discernimento, pode correr o risco de levar uma má ciência nas suas reportagens.

*Carla Tôzo:* E quanto à formação desse profissional que irá atuar com Jornalismo Científico? Ela tem sido bem-feita?

*Moura Leite:* A formação científica não ocorre na graduação. Geralmente tem alguma coisa de jornalismo em Cultura, tem um pouco de Economia, e de outras coisas que o estudante acaba não se aprofundando. Então fica essa questão de como esse jornalista que está se formando vai saber se gosta ou não de jornalismo de Ciência se não tem essa vivência. O que acaba acontecendo é que muitas vezes o próprio rumo da carreira dele em certo momento se esbarra com alguma coisa de ciência e ele desperta, como aconteceu comigo. Eu não tive nada na minha graduação, eu fiz Unifieo, em Osasco, e nunca tinha ouvido falar sobre iniciação científica, menos ainda de jornalismo de Ciência.

*Carla Tôzo:* E como se deu esse contato?

*Moura Leite:* O primeiro contato foi na Rádio USP quando comecei a fazer algumas matérias baseadas em estudos, pesquisas da própria instituição, isso já era um exercício muito grande de trabalho de condensação do conteúdo. Mas veio depois, principalmente quando eu fui trabalhar no A.C. Camargo Cancer Center, o antigo hospital do Câncer, aqui de São Paulo. Câncer é um tema completo e aí eu comecei a estudar, a pesquisar sobre biologia do Câncer, patologias, os termos difíceis e complicados, genoma, aí fiz o mestrado, depois o doutorado com ênfase em Ciências da Oncologia. Mas despertei mesmo no mercado de trabalho.

154

*Carla Tôzo:* Quais devem ser os parâmetros para se fazer um bom Jornalismo Científico?

*Moura Leite:* Você tem que adaptar o discurso, a linguagem para o seu público, porque assim, o jornalista de Ciência hoje pode trabalhar numa redação de *hard news*, pode trabalhar numa redação de revista impressa que pode ser semanal, pode ser mensal, como a *Superinteressante*, a *Galileu* que são revistas de ciência, mas não de *hard science*. É preciso ter em mente o tempo todo que pessoas familiarizadas com esse conhecimento conseguem entender melhor, mas um público totalmente leigo não consegue. Na RedeComCiência a gente observa que essa produção precisa ser uma comunicação 360 graus, e isso vale para o jornalismo de Ciência. Aliás, esse Jornalismo

Científico, para levar conhecimento para um público maior, precisa manter uma sinergia entre Jornalismo Científico, Divulgação Científica e Comunicação Científica.

*Carla Tôzo:* Poderia definir melhor essas três áreas?

*Moura Leite:* Existem diferentes pensamentos sobre como definir as três áreas e muitos consideram esse tema controverso, ou seja, não possuem uma resposta clara sobre como diferenciar cada uma das três, mas a grosso modo eu definiria esses três conceitos como: (1) a Comunicação Científica é aquela realizada entre os pares, é a produção, é o artigo científico, é um artigo na revista científica indexada; (2) a Divulgação Científica é realizada por jornalistas, mas também por cientistas, comunicadores de ciências que se utilizam de múltiplas plataformas, sejam elas impressas ou on-line. Veja o exemplo do Átila Iamarino<sup>2</sup>, ele próprio é como se fosse um veículo a partir da boa audiência que tem no seu canal no YouTube; (3) o Jornalismo Científico em si que é feito por esse profissional responsável por reportar a ciência a partir do que ouve, lê e das entrevistas com quem faz essa produção científica. Então quanto mais essas três áreas estiverem unidas, melhor.

*Carla Tôzo:* Quais são os prós e contras desse Jornalismo Científico produzido em ambiente virtual?

155

*Moura Leite:* Eles precisam cada vez mais se atualizar, buscar as melhores formas de transmitir conteúdo. Se você, por exemplo, entrar em sites de algumas revistas científicas hoje, comparando com os de outros anos, têm um visual muito mais *clean*. Têm mais *highlights*, infográficos, *visual abstracts* que são formas atrativas de apresentar o resumo do trabalho, enfim, hoje existem muitos elementos que auxiliam a compreensão. A mesma coisa com os divulgadores de ciências. Hoje eles se utilizam das mídias sociais em formato de carrossel, fazem vídeos no *reels*, têm seus canais no YouTube, têm programa de podcast, aliás, os podcasts são cada vez mais amplos nesse sentido. Pensando no Jornalismo Científico em si faço a mesma defesa porque você não vê um veículo que não tenha, que consiga se manter sustentável fora do ambiente digital. Precisa estar presente no ambiente on-line e nas mídias sociais, se não tiver esse engajamento, ele não vai adiante.

---

<sup>2</sup> Átila Iamarino é biólogo e, desde 2015, se dedica exclusivamente à divulgação científica através do canal do YouTube Nerdologia que possui mais de 3,2 mil inscritos. Em 2020, durante a pandemia de Covid-19, passou a fazer transmissões no seu canal pessoal do YouTube (1,53 mil inscritos) para informar a população sobre o vírus, sintomas, pesquisas e etc.

*Carla Tôzo:* Quem (pessoa) ou qual (organização, instituição) se destaca nos dias de hoje no exercício do Jornalismo Científico no Brasil?

*Moura Leite:* Vejo muita novidade, iniciativa boa, mas que vai além dos veículos da mídia convencional. Eu sou redator na *Agência Bori*, que é um programa que começou com patrocínio do *Instituto Serrapilheira*<sup>3</sup>, mas hoje tem outros fomentos. Ela é a versão brasileira do *EurekAlert*<sup>4</sup> e dá voz para muita pesquisa científica que é feita no Brasil. O que acontece? Ela tem uma parceria com a *Scielo* e aí quando o estudo entra na base, a *Agência Bori*<sup>5</sup> produz junto ao autor um press-release que é disponibilizado na plataforma para jornalistas cadastrados que, caso se interessem, poderão produzir matérias. Tem a *Agência Einstein* do Hospital Albert Einstein que é uma iniciativa muito legal e que contratou muitos profissionais de redações para fazer esse trabalho. Eles falam da ciência no geral, assim, 90% do que eles divulgam não são pesquisas do Einstein, são de pesquisas de destaque no Brasil. Dos veículos, tem alguns profissionais que admiro, como o próprio Herton Escobar. Ele é fora de série, foi um dos primeiros senão o primeiro a começar a escrever com uma certa regularidade para revistas científicas de renome, de fazer reportagem para esses veículos trazendo a realidade da ciência brasileira para esses veículos. Tem também a Cláudia Collucci (colunista da Folha), Cristiane Segatto (UOL), Natalia Cuminale (Futuro da Saúde).

*Carla Tôzo:* O Jornalismo Científico também pode ser produzido pelas universidades?

*Moura Leite:* Eu vejo assim: primeiro precisa ter um departamento de comunicação estruturado, com assessoria de imprensa, área de eventos, marketing, como qualquer outra instituição que precisa investir nisso. Agora mesmo eu estava pesquisando no banco de imagens do Jornal da USP para ilustrar uma reportagem que estou fazendo. Quando a gente fala da Universidade de São Paulo, por exemplo, o Jornal da USP é um

---

<sup>3</sup> O Instituto Serrapilheira é uma instituição privada, sem fins lucrativos, de fomento à ciência no Brasil. Atua em duas frentes. No âmbito da Ciência, identifica e apoia pesquisas, promove treinamentos e eventos de integração. No âmbito da divulgação científica, identifica e dá suporte a projetos profissionais de jornalismo e mídia.

<sup>4</sup> O website EurekAlert é um serviço editorial independente e sem fins lucrativos, da Associação Americana para o Avanço da Ciência, de distribuição de comunicados à imprensa nas áreas de ciência, medicina e tecnologia.

<sup>5</sup> A Agência Bori é um serviço que apoia a cobertura da imprensa do país no que se refere às pesquisas científicas. A Agência faz a curadoria de estudos em vias de publicação diretamente em bases de periódicos acadêmicos parceiros (recebidas por instituições de pesquisas e cientistas) a partir de critérios jornalísticos de diversidade de gênero e temas, etc.

modelo para todo mundo, é um case de sucesso para que outras universidades também sigam seu exemplo. Existe muita produção científica realizada pelas universidades federais, estaduais e algumas particulares também, mas o que acontece? Muitas vezes é um trabalho de publicação que acaba sendo apenas institucional: a agenda do reitor, as coisas da cidade universitária ali num jornalzinho local. Só se fala de dentro para dentro, sendo que o objetivo é justamente transpor esse muro, levar conhecimento científico para a sociedade. Que bom seria se as principais universidades fizessem isso. Algumas fazem muito bem, mas porque foram obrigadas a aprender a fazer nesses últimos anos. Não é uma corrida consolidada, mas acho que é um caminho.

*Carla Tôzo:* O que precisa ser melhorado, então?

*Moura Leite:* Quanto ao cientista, por exemplo, eu acho que é importante ele saber que esse departamento de comunicação é um aliado dele, que ele deve estar atento às orientações que recebe dos assessores desta universidade ou centro de pesquisa em que atua e, principalmente, que se coloque também à disposição da imprensa. É preciso entender que ele não está gastando tempo, mas sim investindo em conversar com o jornalista para passar as melhores informações.

Aos interessados em conhecer o trabalho da RedeComCiência ou que deseje se afiliar, todas as informações encontram-se no <https://www.redecomciencia.org/>.

## Referências

NETTO, José de Moura Leite. **A RedeComCiencia e o jornalismo científico**. Entrevista realizada via plataforma Google Meet à Carla de Oliveira Tôzo. São Paulo: 12 de novembro de 2021, 16hs.

O QUE É. **Agência Bori**. Disponível em: <https://abori.com.br/o-que-e-a-bori/>. Acesso em: 28 de novembro de 2021.

QUEM SOMOS. **Instituto Serrapilheira**. Disponível em: <https://serrapilheira.org/quem-somos/>. Acesso em: 28 de novembro de 2021.

QUEM SOMOS. **RedeComCiencia**. Disponível em: <https://www.redecomciencia.org/quem-somos/>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.



SOBRE NÓS. **Átila Iamarino.** Disponível em:  
<https://www.youtube.com/c/AtilaIamarino/about>. Acesso em: 28 de novembro de 2021.

SOBRE NÓS. **EurekaAlert!** Disponível em:  
<https://www.eurekaalert.org/language/portuguese/about>. Acesso em: 28 de novembro de 2021.

SOBRE NÓS. **Nerdologia.** Disponível em <https://www.youtube.com/c/nerdologia/about>.  
Acesso em: 28 de novembro de 2021.